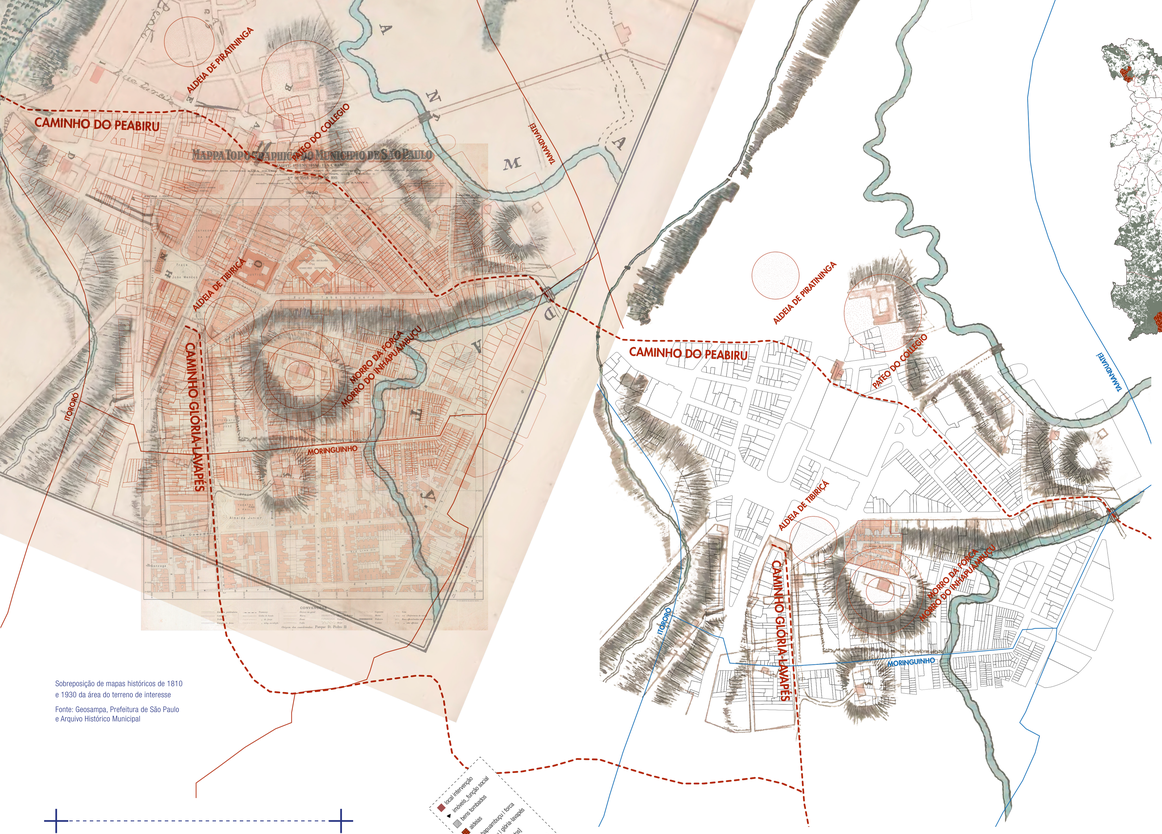
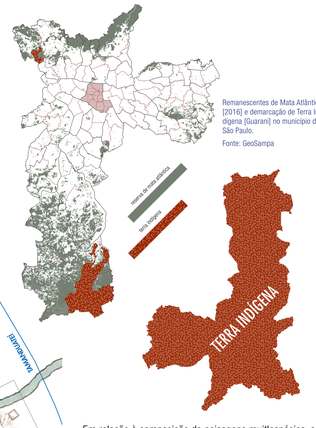
OCUPAR AS RUÍNAS

a memória habitada no antropoceno



Sobreposição de mapas históricos de 1810 e 1930 da área do terreno de interesse

Fonte: Geosampa, Prefeitura de São Paulo e Arquivo Histórico Municipal



Remanescentes de Mata Atlântica [2016] e demarcação de Terra Indígena [Guarani] no município de São Paulo.

Fonte: GeoSampa

Em relação à composição de paisagens multiespécies, a leitura buscou compreender os processos de devastação de biomas e projetos de ruínas florestais, propondo compreender esse apagamento da herança ancestral na composição da paisagem. Ao analisar os remanescentes de Mata Atlântica que ainda resistem, fica claro a oposição entre a urbe e a mata citada por Bispo dos Santos (2023), assim como o sufocamento das terras indígenas na produção de extermínio e segregação na qual São Paulo se configurou. O resgate da memória de conformação urbana considerando o caráter distintivo entre a cidade e a não-cidade - o morro, a favela, a periferia, a aldeia, a roça, a mata, etc -, nos possibilita compreender essa política de apagamento e refletir horizontes de novos modos de vida em coexistência, como uma alternativa para esse modelo segregador. Essa leitura se reverbera em projeto ao reposicionar no centro da cidade uma vivência multiespecífica que havia no território original, como uma forma de comentar e aproximar a realidade cotidiana à história cultural ancestral, através de uma mirada antropológica.

O projeto pretende realizar-se em um programa que englobe a recuperação da memória histórica do terreno de interesse junto à camadas contemporâneas, na produção de espaços compartilhantes (Bispo dos Santos, 2023) de trocas com a vivência urbana. Um memorial, trazendo ao centro urbano um espaço de vínculos e permanências conectado às narrativas invisibilizadas e a prática de recuperação e cultivo da floresta, ocupando as ruínas produzidas pela cidade por meio do encontro multiespecífico. O primeiro passo de ocupação dessas ruínas é despavimentar o terreno e permitir emergir a florestania (Krenak, 2022) e as camadas sufocadas sob o concreto.

O projeto partiu da recuperação das leituras históricas à escala do terreno, compreendendo como a memória poderia constituir as novas camadas de fluxos e permanências. Como um comentário e gesto inicial, os primeiros traços reforçaram o processo de leitura urbana recuperando em seu tecido os caminhos históricos: Peabiru e Glória-Lavapés; o caráter habitacional da Vila Conde de Sarzedas, com seus fluxos e quintais; e a presença dos patrimônios coloniais que compõe o entorno e ressignificam a noção de memória.

Para compreender como aterrar as linhas de força da leitura urbana no território foi necessário uma compreensão do terreno e suas pré-existências físicas. Como partido de projeto, propõe despavimentar o chão, hoje tomado pelo concreto do estacionamento existente, retomando o contato com a terra, e preservar ao máximo a topografia existente, fruto de diversas modificações ao longo da história, mas que hoje tornam-se rastros e linhas de memória que organizam o tecido urbano atual e lar para as árvores que ainda resistem. Junto a isso, pretende-se incorporar ao projeto o patrimônio tombado localizado dentro da área de intervenção, a Capela Santa Luzia e Menino Jesus construída em 1901 na Rua Tabatinguera; capela construída pela bisneta do Conde de Sarzedas.

A formação e desenvolvimento da cidade de São Paulo, assim como demais municípios históricos paulistas, acompanha as relações socioeconômicas de produção do sistema mercantil colonial. Com seu ápice econômico através da exportação de café, em meados do século XIX, e consequente industrialização e urbanização acelerada, a cidade se consolida enquanto metrópole global e polo econômico e financeiro. Compreender essa sobreposição socioeconômica, histórica e de memória é fundamental enquanto leitura, aproximando o cotidiano contemporâneo à ocupação ancestral, e resgate das políticas de operação de apagamentos. Considerando aprofundar as leituras e explorar as possibilidades de diálogo entre a cidade e o estudo teórico proposto, o recorte na região central de São Paulo abrange a discussão ao recuperar a origem histórica urbana e por ser um território em constante disputa e conflito que reverberam em todo o território.

A partir da leitura de dados técnicos e sensíveis, ocupar o centro se encontra no habitar, em seu sentido mais amplo, na composição de uma paisagem coletiva e de coexistências múltiplas. Possibilidades de habitar, ocupar e se conectar em um tecido que é construído em oposição, por meio da segregação e exclusão.

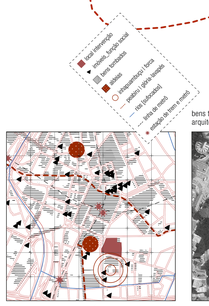
"Ocupar [as ruínas] é dedicar-se ao trabalho de viver juntos, mesmo onde as possibilidades estejam contra nós. É recusar - também se recuperar. Se quisermos viver, devemos aprender a ocupar até os espaços mais degradados da vida na Terra." (Tsing, 2019, p.87)

[...] as cidades...!

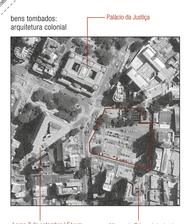
Sendo assim, como pensar, ocupar e habitar em um mundo em ruínas?

centro da cidade_subprefeitura da sé
são paulo, sp

área de intervenção
centro histórico, distrito da sé



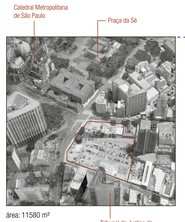
bens tombados:
arquitetura colonial



função social: estacionamento do tribunal de justiça

Largo 7 de setembro | Fórum João Mendes Júnior - TJSP

Museu do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo | Palacete Conde de Sarzedas



área: 11580 m²

Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo

peabiru | morro do inhapuambuçu | morro da forca | caminho glória-lavapés [memória e resistência da ocupação negra] | vila conde das sarzedas [casas em adobe e madeira]

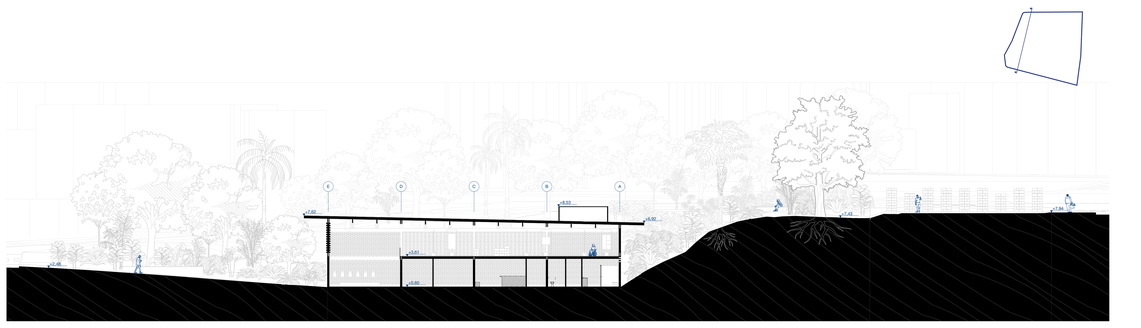
A partir do reconhecimento do centro expandido e direcionando o olhar para o centro histórico, encontramos, por meio da memória, um recorte fundamental para compreender essas camadas de ruínas que compõem o território investigado.

Procurando ler o tecido urbano atual a partir do palimpsesto que conforma a cidade de São Paulo, partimos do seu ponto de origem com a formação da vila jesuíta de Piratininga, que se deu sobre território de ocupação indígena. Pela sua posição geográfica no país, São Paulo tornou-se importante rota de ocupação dos povos ancestrais, território de estabelecimento de uma rede de aldeias que se inter-relacionavam em terrenos próximos a corpos d'água.

Vencer a serra em direção ao planalto só foi possível por meio das trilhas e conhecimento indígena do território e da mata. Dentre os caminhos de terra batida, o Peabiru tinha uma relevância enquanto rota continental, unindo a costa atlântica à costa pacífica, e também enquanto uma travessia de importância cosmológica indígena. Formada de um tronco e várias ramificações, uma delas passava pelo planalto paulistano, na rua Tabatinguera que chega na atual praça da Sé.

Nessa mesma região registra-se a existência do morro do Inhapuambuçu, uma pedra sagrada na cosmologia ancestral ligada a Tupã, ponto carregado de significado no cruzamento com o Peabiru e sobre a qual se teria erguido a aldeia de Tibiriçá. Sobre esse morro, foi instalado, mais tarde, a câmara e o pelourinho, tornando-se posteriormente o morro da Forca, local que carrega sangue de extermínio indígena e africanos escravizados.

A escolha do terreno direciona para uma das diversas ramificações conformadas pelo palimpsesto rizomático de São Paulo. Recuperando, portanto, uma nova sobreposição do início do século XX, consolida-se, com a expansão urbana, a ocupação desse espaço pela população japonesa, nascendo, ali, o primeiro bairro japonês do Brasil, na rua Conde de Sarzedas, pelos relatos do imigrante e pintor Tomoo Handa (1970). Com a chegada dos primeiros japoneses, na década de 1910, se formou-se a vila habitada pelos imigrantes: a Vila Conde de Sarzedas.

rastros da entrada da antiga vila habitacional narrar a memória na paisagem

devolução da terra à superfície | limiar entre o piso em terra e em concreto, entre a materialização da memória e da ruína [cortan rasgando o piso e deixando como rastro antigos e novos eixos de memória]